



¹Wellington Pereira

²**Joga nota de 100 que ela vem!** Corpo, Linguagem, *Status* e Fenótipo.

Resumo: Este artigo compõe a dissertação intitulada *A zuadinha é tá, tá, tá, tá: Representação sobre a sexualidade e o corpo feminino negro*. Em que o objetivo é compreender e interpretar a linguagem enquanto produtora de identidade sexual. A investigação foi realizada, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Centro de arte humanidades e letras - Campus – Cachoeira. Com jovens, de 19 a 27 anos, auto - classificadas como pretas ou pardas de acordo com as categorias do IBGE. Utilizamos como método para a coleta o grupo focal, técnica de investigação qualitativa, que leva em consideração os resultados obtidos no grupo ao discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. As jovens que participaram do grupo focal são oriundas de bairros populares de cidades do interior e que têm uma aproximação com o gênero musical do Pagode Baiano, elas costumam ouvir e ir a shows de pagode. Desse modo, o grupo focal se constitui em um grupo *sui generis*, que traz questões particulares de contextos locais, mas que aponta para situações regionais, fazendo com que pensemos em contextos mais gerais a partir dos dados coletados nesse âmbito.

Palavras – Chaves : Corpo, Linguagem, *Status* e Fenótipo.

¹ Graduado em Ciências Sociais (Antropólogo) - Pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Mestre em Ciências Sociais /UFRB. Doutorando em Estudos Interdisciplinares Mulheres, Gênero e Feminismo/ PPGNEIM. Membro pesquisador do (Grupo de pesquisa) - Coletivo Angela Davis .

² Trabalho orientado pela Professora Doutora Angela Figueiredo UFRB.

Abstract

This article composes the dissertation titled *The Zuadinha is tá, tá, tá, tá: Representation about the sexuality and the black female body*. In that the objective is to understand and to interpret the language as producer of sexual identity. The research was carried out at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB) Center for Humanities and Letters Arts - Campus - Cachoeira. With young people, aged 19 to 27 years, self - classified as black or brown according to IBGE categories. We used as a method for collecting the focus group, technique of qualitative research, which takes into account the results obtained in the group when discussing a special topic suggested by the researcher. The young people who participated in the focus group come from popular neighborhoods of cities in the interior and that have an approach with the musical genre of Pagode Baiano, they usually listen and go to pagoda shows. Thus, the focus group is a sui generis group, which brings particular issues from local contexts, but which points to regional situations, making us think of more general contexts from the data collected in this context.

Keywords : Body, Language, Status and Phenotype.

Introdução:

A sexualidade em si é um tema que estimula conversas e revela muitas curiosidades, então utilização de letras de músicas e vídeo clipes foi bastante eficaz. Isso foi tornando as discussões instigantes, ao mesmo tempo, em que “quebravam o gelo” dos encontros. É neste sentido que a técnicas foram se tornando extremamente férteis para a coleta de dados. O grupo focal é uma técnica que visa buscar o diálogo entre os pares, estimulando o debate com muito mais fluidez – os encontros realizados em grupo fazem com que as jovens falem com maior desenvoltura, pois elas dialogam com suas próximas, facilitando a coleta de dados;

O grupo focal tem provado ser muito importante em pesquisas sobre comportamento sexual (Frith, 2000, apud Barbor) normalmente utilizando grupos de pares, assim como fizeram (Ekstrand, 2005, apud) em seu estudo sobre o comportamento sexual; visões sobre aborto e hábitos contraceptivos de garotas em escolas. (Barbor, 2009, p.40 *apud* Frith).

Dentro desse contexto, tal técnica se mostra bastante eficaz, na medida em que possibilita uma interação entre os informantes, suscitando o debate, dando-lhe dinamicidade – e esse é um aspecto muito importante, em se tratando de jovens – pois, na medida em que os encontros vão acontecendo, as participantes vão ficando mais à vontade, interagindo entre si, respondendo às questões de forma mais tranquila.

A partir da epistemologia feminista negra, juntamente com a interpelação da Antropologia, buscamos entender questões que envolvem a construção da identidade sexual de jovens negras. Comungamos da teoria feminista negra e dos seus pressupostos teóricos, partimos para a investigação do meu objeto de pesquisa em foco. A partir dessa perspectiva, o que se deseja é entender questões que são muito próprias das mulheres negras. [...] a experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero, classe social interceptam -se em diferentes pontos Bairros (1995), então é preponderante pensarmos nos diferentes contextos, nas diferentes manifestações de desigualdade assim é preciso atentarmos para a correlação entre gênero, raça, classe e sexualidade. Assim, utilizar a experiência como pressuposto é partilhar da epistemologia feminista negra em que a partir de determinado lugar a visão sobre o que é ser mulher vai se diferenciar. De acordo como ponto de vista feminista, ser mulher se dá de forma social e historicamente determinadas (BAIROS, 1995, p.4). Para tanto, leva-se em conta as diferentes realidades das entrevistadas que compunha os encontros do grupo focal na medida que o olhar de pesquisador tinha que estar conectado com determinada realidade.

No dia três de outubro, de 2013 realizamos o primeiro encontro com as componentes do grupo focal. Após o almoço, na “correria,” com muita ansiedade, o autor deste artigo que é derivado de parte da dissertação dirigiu-se ao Centro de Artes, Humanidades e Letras – CAHL – *campus* da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, após passar pela rua que abriga a feira livre em que havia muita agitação – os feirantes gritavam para anunciar suas mercadorias – e chegou ao local do encontro às 14h30min após percorrer as ruas da cidade de Cachoeira – Ba até chegar na Universidade. Na área de convivência, perto da copiadora, já havia uma das participantes: ³Sandra. Ela informou que sua turma não teria aula a partir daquele momento. A conversa foi se iniciando mesmo antes da reunião do grupo começar.

³ Quarto semestre de Serviço Social, tem 21 anos, é mãe de uma menina de um ano e cinco meses. Considera-se preta e é evangélica que congrega na Assembleia de Deus.

Dialogamos acerca de temas relevantes que dizem respeito à sexualidade da juventude. As impressões sobre a sexualidade trouxeram insights para as discussões no grupo focal. As conversas iniciais foram produtivas. Ela relatou: “Eu tenho uma filhinha de um ano e cinco meses”. Outra entrevistada, participante do grupo focal que estava por perto disse: “Nem parece!” (risos). Então, a jovem Sandra continuou:

Eu entrei aqui grávida, estava com cinco meses de gravidez, vim até os oito meses porque fui aconselhada pelas professoras. Depois, fui fazer as atividades em casa, mas aí veio a greve que durou quase 90 dias, então não precisei fazer atividades em casa, mas era o combinado com uma professora que chegou a mandar as atividades. (Sandra, 21 anos)

A seguinte sequência de perguntas e respostas apresenta o diálogo com Sandra:

Entrevistador: – Você pensou em desistir do curso?

Sandra: – Não, em nenhum momento.

Entrevistador: – Foi importante ficar com sua filha em casa, durante os dias de greve?

Sandra: – Sim, poder ficar mais tempo com minha filha e dar mais carinho.

Entrevistador – Quem fica com a criança enquanto você está na UFRB?

Sandra: – Minha mãe e meu marido ficam com a criança.

Após este momento de interação com um das jovens integrantes do grupo focal, iniciamos nosso primeiro encontro às 15h12min. Então demos início ao nosso primeiro momento do grupo focal e conversamos na escadaria do *campus*. Discutimos questões introdutórias sobre sexualidade cujo entendimento das jovens pode ser compreendido através da seguinte afirmação:

A sexualidade vem sendo compreendida como produto de diferentes cenários e não apenas como derivada do funcionamento bio-psíquico dos sujeitos. A ênfase sobre os cenários socioculturais alude à preeminência de que há características distintas entre homens e mulheres no tocante à vida sexual [...]. Elas devem-se a uma combinação de fenômenos que reverberam os corpos como efeito de processos complexos de socialização dos gêneros. Desse modo, há estreito inescapável imbricamento entre sexualidade e gênero (HEILBORN, 2006, p. 32).

Por tanto, entender a relação entre identidades sexuais e gênero se faz necessário no sentido que, a partir da sexualidade pode se criar hierarquias de gênero, raça, pois entendemos como cada grupo social interpreta ou representa sexualidade e suas dinâmicas sociais. Acerca do tema, uma das jovens respondeu: “Para mim sexualidade

não tem só a ver com roupa, com beleza, mas tem muito mais a ver com sexo, com o jeito de se portar, é tudo junto.”⁴ (Gisele).

Enquanto as jovens falavam, pessoas passavam e olhavam tentando entender o que estávamos fazendo. Então, nos dirigimos à sala 09, para dar continuidade à atividade do grupo com mais tranquilidade. A jovem Alba⁵ emitiu sua opinião: “Sexualidade tem a ver com o corpo, como tá para além do sexo, é muito mais”.

Em seguida, foi perguntado se mulheres falavam de sexo. Kika⁶ respondeu que sim. Bruna completou: “Como disse antes de falar sim, mas as pessoas acham que não”. Então, diante da pergunta: “E vocês falam de sexo?”. Elas responderam juntas: “Sim!” (risos). E por fim, com o questionamento: “Vocês gostam de fazer sexo?”. Sem hesitar, responderam em uníssono que sim, e riram. Os olhares falavam, os risos, as caras e as bocas demonstravam o interesse pelo assunto e sendo assim, podemos perceber que é um mito pensar que as mulheres não falam de sexo. As entrevistadas responderam entusiasmadas gostavam de fazer sexo e dialogavam sobre o tema. Neste sentido, observa-se que as novas gerações de mulheres tem uma outra relação com o prazer, com o corpo, com o desejo, com o sexo e veem este último como algo prazeroso, libertador. Não cabe somente dizer que as entrevistadas responderam entusiasmadas e mais que isso: como diz um jargão popular, elas responderam “cheias de si”. Em seguida foi exibido em Vídeo:

O vídeo é da música intitulada Luxúria em que Mc Byana aparece na garupa de motos ou de carona no carro; há sempre um homem no controle do veículo. Dançarinas aparecem em motos paradas; quando inicia-se outra cena, as dançarinas e a cantora aparecem na garupa das motos com dinheiro na mão. Há uma tensão e uma diferenciação sobre o funk produzido pela artista acima mencionada. As jovens assistiram ao filme atentamente, olhando cada detalhe do mesmo. As entrevistadas conversavam entre si sobre o modo como Mc Byana aparecia no vídeo- clipe e tinham percepções diferentes sobre como o corpo feminino estava sendo posto, sobre o protagonismo da cantora naquele contexto.

A tensão é causada porque uma parte das entrevistadas do grupo acredita que no referido vídeo, a cantora não exerce tal protagonismo, como parece ser a proposta do

⁴ Gisele, 22 anos, estudante de museologia, está no segundo semestre e se considera negra.

⁵ Alba, 19 anos, quarto semestre de Serviço Social, se autodeclarou preta. É participante de um grupo jovens da Igreja Católica.

⁶ Kika terceiro semestre de ciência Sociais, se autodeclarou preta católica.

vídeo e da letra da música. Enquanto outras entrevistadas acreditam que a cantora protagoniza no vídeo.

Podemos apontar para as observações e entendimentos diferentes da realidade por parte das componentes do grupo focal. São relações com o cotidiano social que variam a partir da experiência de cada indivíduo. Berger e Luckmann (1985) assinalam que “cada membro da sociedade exterioriza o seu próprio mundo social e interioriza este como realidade objetiva”. (1985, p.173). Nesse sentido, as entrevistadas do grupo focal, ao divergirem entre si, demonstram uma biografia diferenciada e uma construção de realidade que tem relação o seu contexto no qual foram socializadas. Para Berger e Luckmann (1985) “a apreensão ou interpretação imediata de um abastecimento com dado sentido, isto como manifestação de processos subjetivos que tornam significativos pra mim, ou seja, para cada individuo e diferentes grupos.

As entrevistadas que não consideravam o protagonismo da artista no vídeo, apontam que a cantora aparecia sendo conduzida pelos homens. Elas argumentaram que eles dirigiam o carro, enquanto a cantora estava no banco de trás; afirmaram que o corpo da mulher foi posto como objeto sexual. Já outra parte das entrevistadas se refere à atitude da cantora como uma forma de protagonismo e isso criou divergências entre as entrevistas sobre o conteúdo do vídeo.

O fato ocorre por conta de uma visão de mundo diferenciada das jovens. O grupo focal é heterogêneo e possibilita o entendimento de um mesmo fenômeno social a partir de visões distintas e comunga com o que Berger e Luckmann (1985) diz sobre que as escolhas são feitas a partir da própria localização na estrutura social, o que de novo nos faz pensar nos diferentes contextos em que os diferentes grupos sociais inserem os indivíduos. Portanto, essa relação vai ser construída a partir de cada código que é particular e próprio de cada contexto, “cujo fundamento se encontra na biografia de cada um.” Mc Byana faz parte do chamado Funk Ostentação, um novo estilo que surge do Funk Carioca, com letras que falam de dinheiro e de poder. Inicialmente, surge com homens interpretando músicas e aparecendo nos vídeos cercados por mulheres; porém, Byana aparece no cenário musical do funk do Rio de Janeiro fazendo Funk Ostentação. Os vídeos exibem ambientes suntuosos, filmados em casas e carros luxuosos.

Em um dos encontros, utilizamos o vídeo da funkeira interpretando a música, de sua autoria, *Traz a Luxúria Pra Mim* que fala de ostentação de dinheiro. No referido videoclipe há imagens de homens pilotando motos, dirigindo carros com a cantora. Eis a letra da música em questão:

Traz a luxúria para mim
Eu sou Byana
Joga o dedo pro alto a mulher que gosta de grana (2x)

Na minha quebrada tem da boa e tem da braba
Do boldinho nós se acaba, com a balinha nós tá louca
To cheia de marra, se eu quiser beijo mais um
Mas pra tu me conquistar tem que vim de R1
Toma vergonha não quero ventilador
Sem essa de cobertor
Eu quero mais luxo pra fazer amor
Tá de sacanagem eu quero hidromassagem
Espelho no teto, ar condicionado
Com um homem de verdade
Eu quero te alertar, se presente mandar eu vou só te falar
Whisky não, pra ter meu coração, tem que ser Chandon
Eu curto praia, piscina, a bebida é a Tequila que mata minha sede
Olha só que delícia eu na X6
Quem foi que disse que ser mercenária e gostar de dinheiro é ser piranha?
Muito prazer, eu sou Byana

Traz a luxúria para mim
Eu sou Byana
Joga o dedo pro alto a mulher que gosta de grana.

Traz, traz, traz a Tequila e o Chandon, vc joga na minha calcinha
Vem, vem, vem de R1, tiro onda pra caralho, subo empinando o cú
Traz, traz, traz a X6 de rolezinho na pista, me dá 1 milhão por mês

Traz a luxúria para mim
Eu sou Byana
Joga o dedo pro alto a mulher que gosta de grana .Eu sou Byana... eu sou
Byana...

(Letras.mus.br/mc-byana)

As jovens assistiam ao vídeo com atenção, com os olhos bem atentos e logo após a exibição, houve um momento de silêncio. Então, lanço a pergunta: “O que vocês pensam sobre o vídeo?”. Elas emitiram suas opiniões a respeito do que viram:

Alguma coisa a gente viu. (Thais)

É o outro lado do discurso. É o tipo de mulher que ela canta, ela generaliza, mas existe. (Débora)

Faz parte do Funk Ostentação, é o estilo que hoje Robyssão trouxe para o Pagode Baiano. (Kika)

Perguntamos então, sobre as diferenças entre o clipe de Robyssão e o de Mc Byana e as jovens expuseram suas considerações:

Em Robyssão, as mulheres estão de biquíni o tempo todo, no vídeo ele fica colocando dinheiro na calcinha delas, jogando dinheiro para cima. No de Byana tem homens vestidos e dirigindo o carro e ela atrás como se o homem que mandasse ainda. (Marina, 27 anos).

A fala das jovens apontam para uma apropriação do corpo masculino e feminino de forma diferenciada. Se no vídeo clipe de ⁷Robyssão *Joga Nota de 100 que elas vêm*, as mulheres aparecem com o corpo exposto, isso não acontece no vídeo da funkeira Mc Byana, pois os homens aparecem vestidos, mesmo a cantora se referindo à luxúria. Já as dançarinas que aparecem no vídeo clipe do cantor, Robyssão aparecem colocando o dinheiro na calcinha delas. Outra diferença é que Mc Byana está sempre sendo guiada na moto ou no carro, diferentemente do vídeo de Robyssão, onde ele aparece primeiramente descendo de um helicóptero, comandando as ações e depois conduz o carro. Ele aparece voando. O corpo exposto das mulheres, o que demonstra como o corpo feminino é sempre sexualizado e mais que isso: essa sexualização é naturalizada, como se o corpo feminino estivesse sempre pronto para o sexo, como um objeto a ser possuído pelos homens. As participantes do grupo focal reforçam sua compreensão quando afirmam que:

É vejo que ela tá ali, mas são os homens quem dirige o carro. (Thais)

Eu acho feio o jeito dela dançando. (Kika) (tensão nesse momento)

O corpo é meu, no funk a mulher está com poder e prestígio. (Débora)

No funk a mulher é poderosa. (Thais)

Nas falas das entrevistadas, podemos perceber que existem interpretações diferenciadas sobre o videoclipe e conseqüentemente, sobre o corpo feminino. As duas primeiras falas remetem a uma concepção de que aquela posição ainda não seria, digamos, confortável para as mulheres; nas falas seguintes, as entrevistadas remetem a que o corpo é da mulher. Elas ressaltam que Mc Byana no clipe aparece com altivez, com poder, ou seja, no funk a mulher é poderosa. As falas divergem sobre o entendimento do vídeo e configuram a amplitude de pensamentos, isto é, conforme já

⁷ O referido vídeo clipe apresenta a música “Kit do Patrão, Joga Nota de 100 que Elas Vêm”, em que o cantor Robyssão ostenta dinheiro e está cercado por mulheres de biquíni. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=MJ1tfXbpLo4.

dito, diferentes biografias contribuem para o entendimento de determinado fenômeno social.

Diante da pergunta sobre a construção do corpo nos vídeos e se as mulheres sentem atração quando os homens dançam há a resposta: “A relação do homem com o corpo é diferente, o homem quando vê uma mulher de calcinha fica logo excitado. A mulher ver um homem de cueca, não”. (Thais)

O questionamento seguinte foi: “Então, as mulheres não têm desejo?”

Sim, têm, claro, mais é diferente. Ela dá a cara para bater (se referindo a Mc Byana), mas tá legitimando os caras que tão dirigindo, tá legitimando! Ela vai atrás. (Thais)

Eu acho que é a forma dela subverter. (Débora)

Houve uma tensão no grupo nesse momento, pois algumas jovens apresentaram uma percepção diferenciada. As jovens do grupo focal tiveram um percepção diferenciada no tocante do vídeo clipe de Byana o que gerou tensões. Algumas jovens falaram que mesmo protagonizando o vídeo, a cantora estava sendo conduzida no carro pelos homens; em outra parte do filme, ela estava na garupa da moto. Em tais cenas, para parte das jovens entrevistadas ela não estaria tendo destaque; já na opinião de outras jovens, a referida cantora estaria sim tendo destaque. A letra da música suscitava diferentes opiniões. Uma tensão se instaurou na discussão. De certo modo, algumas falas apontavam para uma outra percepção do corpo feminino, diferenciada, referente a uma valoração do corpo feminino no que tange a utilização do mesmo pela mulher. Podemos perceber como o corpo passou a ser valorizado pelos sujeitos e como ele passou a ser entendido, a partir da autonomia dos indivíduos sobre o corpo, não simplesmente no sentido da reprodução, mas o corpo passou a ter uma conotação social também.

Foucault (1979, p. 80) considera que: “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou ideologia, mas começa no corpo. [...] O corpo é uma realidade bio-política, a medicina é uma estratégia bio-política”. Então, o controle do corpo feminino estaria no discurso e na desvalorização das mulheres através da música. Podemos entender que o corpo feminino é construído a partir do discurso apresentados nos dois vídeos, pois ambos reforçam o lugar da sexualidade e do corpo da mulher. Na medida em que as letras de música e vídeos clipes apresentam o homem como destaque, sendo protagonista, reproduz o modelo

heteronormativo e sexista que visa ao controle da mulher. Essa última é considerada naquele contexto como objeto sexual visto que, no cotidiano, são inúmeros os símbolos de controle que são impostos ao corpo, à sexualidade feminina. As composições musicais constroem a sexualidade feminina na concepção, ou melhor, na visão que o homem tem sobre o corpo e a sexualidade da mulher.

MÚSICA E REALIDADE

Outra questão discutida foi à relação entre a música e a realidade: “Sim, as letras passam realidade.” Responde uma das entrevistadas - ; (Débora)

As jovens entrevistadas consideram que as letras do Pagode Baiano representam o cotidiano social. Elas reproduziriam o que está na realidade, em relação à sexualidade, como cada indivíduo e diferentes grupos sociais representam a mesma. Cada grupo social representa o corpo e a sexualidade a partir do contexto ao qual pertence, a partir dos símbolos que comungam com os “outros”. É importante salientar que, a representação de determinado fenômeno social é verificada a partir de cada contexto: representa-se aquilo que diferentes grupos e sujeitos reconhecem. As práticas sociais de cada grupo sobre a sexualidade vão repercutir e vão ser representadas a partir das experiências comuns com o outro já que: “De fato representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto”, como nos diz Jodelet (2001). Isso quer dizer que ter a mesma idade, cor e sexo não são suficientes para que ocorra uma unidade/homogeneidade em torno das representações porque os sujeitos percorrem trajetórias diferentes, vivenciam contextos específicos, são pertencentes a grupos sociais distintos que representam a sexualidade de maneira diferente. Esses elementos implicam em um sistema de códigos que os sujeitos partilham de formas bem específica e levam a representações próprias da sexualidade:

Geralmente reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistema de interação que reagem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais. (JODELET, 2001, p.22).

Sendo assim, as representações expressam aqueles indivíduos ou grupos que as forjam e dão uma definição específica ao objeto, por eles representados.

Esta definição partilhada pelos membros de um mesmo grupo que constrói uma visão consensual da realidade para esse determinado grupo. (Jodelet, 2001, p. 23)

A identidade sexual de cada indivíduo e de cada grupo social é construída a partir dos valores e significação que por eles (as) são dados. Portanto, podemos pensar na sexualidade construída também pela subjetividade dos sujeitos, dos discursos dos sujeitos e dos diferentes grupos sociais, de como cada grupo se percebe e percebe a sexualidade. O que nos revela que a construção da sexualidade é formada por uma quebra-cabeças sociocultural que implica em um relação dos símbolos culturais posto pela cultura e seus símbolos, como por exemplo, a música, o discurso; porém, estes símbolos que são postos no quebra-cabeças interagem com a construção do sujeito sobre a sexualidade o que tem a ver com a relação com seus pares, com os símbolos construídos a partir dos diferentes grupos, enfim, com os códigos culturais. A partir destes valores que lhe são dados, a identidade é construída.

SOBRE POSIÇÕES SEXUAIS

Perguntamos às participantes do grupo focal sobre as posições sexuais que são cantadas nas músicas do Pagode Baiano, se elas entendem enquanto representações do ato sexual, como por exemplo, a posição “frango assado” que aparece ilustrada em uma letra de música intitulada com a mesma expressão – “Frango assado”, do grupo Swing do P:

⁸Na hora do amor, no auge do prazer
fazemos em varias posições
botamos a cama pra tremer
só felicidade, amor e prazer
meu bem
você me deixa muito excitado
te panho de jeito, fico fissurado
meu amor vamos fazer um frango assado

Ela gosta de frente, ela gosta de lado
eu adoro um frango assado

Frango assado
frango assado
frango assado
vamos fazer um frango assado (bis)

Eu te amo negona, eu te quero tão bem
vamos fazer aquele vai e vem
no vai e vem, no vai e vem (bis)

Ela gosta de frente, ela gosta de lado
vamos fazer um frango assado (bis)

(Swing do P)

Na sequência do diálogo, foi perguntado se as pessoas gostam do que está representado na canção. As respostas sobrevieram:

Thais: – “Sim” (risos).

Débora – “Quem não gosta”. (risos).

Quando a pergunta foi direcionada ao gosto delas: – “E vocês gostam?”

Responderam em unísono: “– Sim!”

Questionadas se a letra da música acima representa subjugação feminina, elas disseram:

Depende... eu acho que... assim... tem que ter um acordo com o parceiro... se é esta ou aquela posição, e não pode ficar só em uma (risos). (Thais)

Eu discordo das feministas que falam que a mulher, por exemplo, não pode “ficar de quatro”... depende do momento (risos). (Débora)

Diante da pergunta: “E vocês, como preferem (risos)? Uma das participantes, Kika pronunciou algo em voz baixa para mim, rindo. Questionada sobre o que ela disse, responde: “–Nada, nada”. E por seguinte, outra participante – Débora – assevera: “ – Claro que agente gosta.” (risos).

Orlandi (1994, p.), “vê a produção de objetos simbólicos em movimento, como parte de uma história em que os sujeitos e os sentidos se constroem”. Assim, em cada contexto, os sujeitos podem se apropriar de determinados símbolos e reelaborá-los. Através da produção de símbolos, os sujeitos e os diferentes grupos sociais constroem ou reelaboram sentidos para fenômenos vinculados à sexualidade. Por exemplo, o orgasmo feminino é uma apropriação simbólica pelas mulheres cujo, o tema é mote, aporte para reconfigurações sexuais e sociais. Com a descoberta do orgasmo, pode-se

redimensionar o prazer feminino, o sentir, o corpo, o desejo, isto é, reconfigura-se a vivência sexual. Pode se também reconfigurar os diferentes contextos sociais e mudanças são estruturadas a partir de movimentos histórico. Afinal, o discurso é produto simbólico e o orgasmo, por exemplo, pode ser visto como discurso emancipatório feminino pois, a sexualidade está ligada também à relações sociais. É como diz Laquer:

Pensemos no erotismo, no orgasmo feminino, enquanto aporte para novas configurações sexuais e novos arranjos culturais, o orgasmo se transforma em dispositivo de enfrentamento à hierarquia. A sexualidade também está ligada às relações sociais. (LAQUEUR, 2001 ,p.2001).

É possível dizer que a linguagem pode ser utilizada pelas mulheres e trazer em si códigos, símbolos que remetam a um protagonismo, a maior liberdade sexual. Falar em orgasmo feminino, por exemplo, era tabu para as gerações anteriores, mas para a geração envolvida em nossa pesquisa, falar do tema significa protagonizar, tentar quebrar hierarquias e preconceitos. Esse aspecto alude a um protagonismo e a uma liberdade da feminilidade, de tal modo que as mulheres passaram a vivenciar mais a sexualidade. A invenção da pílula anticoncepcional e a descoberta do orgasmo feminino são alguns fatores importantes que permitiram uma maior liberdade das mulheres em relação às práticas sexuais. E mais: ajudou a modificar a dinâmica das relações sociais, o que implica na capacidade de agência dos indivíduos.

Sendo assim, torna-se relevante entender a relação da música com a representação do ato sexual e a ostentação. Considerando tais elementos, as entrevistas foram mais uma vez questionadas a respeito do pagode do cantor Robysson e do Funk de MC Byana e manifestaram suas opiniões:

É a mesma ideia, só que é a mulher que tem dinheiro. É assim, eu mesma quando comecei a namorar, não sabia como agir com meu namorado, se eu deixava ele pagar, se dividia, mas agora, assim, um dia divide, outro dia um paga, tudo assim. (Alba, 19 anos.)

O depoimento das entrevistadas remete à condição hierárquica estabelecida entre os sexos. O ato de pagar a conta diz muito sobre a relação homem e mulher. Durante a exposição da entrevistada acima, foi possível perceber um certo desconforto em relação ao fato da mesma pagar a conta. Ela revelou não saber com agir com o

namorado no primeiro momento; porém, passou a dividir a conta com ele em situações posteriores. Sua fala demonstra como a socialização de mulheres se dá de forma diferente em relação aos homens. Eles são incentivados a pagar a conta, e as mulheres a aceitarem isso. Foi então lançada a pergunta acerca do que elas pensavam sobre pagar a conta:

Depende. (Marina)

Somos condicionadas para não pagar a conta. (Thais)

Assim as pessoas que veem que a gente paga a conta, veem o homem como gigolô, é uma generalização do que sempre rolou. (Débora)

Eu sempre gostei de dividir. (Kika)

As respostas das entrevistadas assinalam que as jovens dividem as contas com os homens quando saem para encontros. As mulheres ainda destacam que são pressionadas a não pagar a conta, mas não veem problema em dividir os custos com os companheiros.

Já diante do questionamento sobre suas opiniões relativas à letra de forró intitulada *Dinheiro na mão, calcinha no chão*, do compositor Joilson Nascimento, interpretada pela Banda Saia Rodada (2012), elas declaram:

Por exemplo, quando um homem sai com uma mulher já fica achando que vai ter alguma coisa, se não ficamos, eles ficam retados. (Thais)

É, tem cara que diz: “Você é um otário, saiu, pagou tudo para ela, e não rolou nada”. (Alba)

É a música, a letra, meio que representa isto, fala que a mulher é interesseira. (Débora)

Olha, o homem convida e ele já fica achando que vai ter alguma coisa. Leva para um show aí, só porque paga alguma coisa fica esperando ficar com a menina. (Marina)

As respostas acima transcritas apontam para uma questão recorrente na sociedade, isto é, a relação com o dinheiro vinculada à relação de subalternidade. O corpo feminino é percebido enquanto objeto de consumo, como expressa a oração “saiu tem que dá”. Tal perspectiva significa como os homens percebem a relação com as mulheres, como se dão suas expectativas no ato de sair, de dar um passeio pensando em “ficar” com as garotas e isso é reforçado na fala das entrevistadas:

É, eles sempre vão querendo ficar! (Alba)

Tem homem que se sente ofendido. (Marina)

É, a mulher paga com a carne! (risos) (Kika)

Elas se referem à situação em que as mulheres, ao saírem com os rapazes, são pressionadas a “ficarem” com eles, inclusive para fazer sexo, ou seja, elas precisariam estar prontas para o ato sexual ou como descreve Kika, “pagar com a carne.” Quer dizer, é deixar-se deleitar com o rapaz que a convidou para sair e aceitar uma relação de troca de mercadorias, em que a mulher comparece como um objeto.

SOBRE O CORPO FEMININO NEGRO

Em um dos encontros do grupo focal, discutimos sobre o corpo feminino negro, onde foi reproduzido um vídeo clipe da cantora⁹ Roseane Pinheiro, intitulado *A Gênia da Lâmpada*, no qual a artista aparece dançando e cantando. Ela aparece no cenário do pagode baiano como uma protagonista, por ser uma das primeiras mulheres a cantar o referido estilo musical. As jovens entrevistadas assistiram atentas ao vídeo, prestando atenção a cada momento e ao final, iniciamos a conversa. Suas opiniões são transcritas a seguir:

Achei para frente, bem sexual. (Kika)

Eu gostei, diferente, aqui não tem mulher no mundo do pagode cantando. (Débora)

Assim, a voz dela é ruim, mas assim, ela segue uma linha, acho assim o corpo é dela ela faz o que quiser do corpo dela, o corpo é seu, você faz o que quiser. (Thais)

É, tudo bem, mas assim, eu acho que temos que lutar contra o machismo. A sociedade nos dá um padrão, eu tento seguir o que a sociedade tá dizendo, depois eu mudo. (Marina)

No filme, a cantora sai de uma lâmpada dizendo que vai conceder três pedidos a quem solicitar e dança a coreografia conectada com o refrão: “Esfregue aqui, esfregue ali”, faz gestos esfregando suas próprias mãos no corpo, inclusive nas genitálias, nas nádegas e nos seios. Durante a exibição das imagens, as entrevistadas se olham,

⁹ Ex- Dançarina do grupo Gangue do Samba.

comentam entre si. Algumas concordam com a coreografia, outras pontuam uma excessiva sexualização do corpo feminino negro.

Naquele momento, o encontro fica tenso. As participantes falam ao mesmo tempo seus diferentes julgamentos sobre a coreografia. As jovens discordaram em alguns aspectos sobre o vídeo, em que a letra de música diz: “Eu sou a gênica do Aladim / quem quiser, pode esfregar aqui / Esfregue aqui, esfregue ali.” A coreografia seguia no compasso da música e a vocalista dançava passando a mão em seu corpo. Diferentes interpretações surgiram; algumas componentes do grupo entenderam que a letra da música e a coreografia sexualizava e transformava a cantora em objeto sexual; outras pontuavam que não, argumentavam que o corpo era dela.

A partir do exposto acima, chama a atenção a capacidade de agência dos diferentes grupos sociais e indivíduos que podem reconfigurar dado contexto social ou fenômeno. As entrevistadas concordam que o corpo é da mulher e que, enquanto sujeitos de si, podem vivenciar uma sexualidade de maneira diferenciada em relação a outros contextos sociais. Porém, as jovens entrevistadas divergem sobre como o corpo deve ser usado, sobre como a sexualidade deve ser vivenciada. Elas concordam que devem lutar por uma reconfiguração da vivência sexual, da utilização do corpo. Porém, como se viu na discussão dentro do grupo, a discordância residiu na forma como o corpo é utilizado. De acordo com Figueiredo (2008):

Como observou Collins (2005), durante a escravidão, os negros não eram donos do seu corpo e nem da sua sexualidade. Construídos pelo discurso do outro, o corpo negro esteve associado à aberrações e, conseqüentemente, à sexualidade sempre relacionada a algo animalesco, descontrolado e violento. No Brasil, o corpo da mulata também foi sexualizado a partir do olhar do outro. De modo contrário, a mulher negra que emerge nos últimos anos exibe orgulhosa um corpo politizado, valorizado pelo discurso cujo principal objetivo é resgatar a autoestima negra. A emergência desse discurso deriva, inevitavelmente, de uma investida antirracista e antissexista no sentido de reinventar, reconstruir o corpo negro, ou como sugere Collins, resulta de um esforço e de uma busca por uma autodefinição, primeiro para a construção de um ponto de vista crítico. Isso quer dizer que as mulheres que se autodefinem como negras recusam serem construídas pelo olhar do outro. (FIGUEIREDO, 2008, p.243).

A assertiva acima aponta para um revalorização do corpo negro, para uma postura que caminha para uma construção do corpo feminino negro que ganhe características outras, sendo valorizado, conforme pontuado nas entrevistas das participantes do grupo, ou seja, a mulher pode ser considerada dona de si, do seu

corpo, transmitindo altivez e mais que isso, valorizando a maneira de vê-lo. Esses aspectos podem se constituir na expressão: “Esse é meu corpo!”.

As entrevistadas foram questionadas sobre a frase da música “Esfregue aqui, esfregue ali” juntamente com a coreografia que a performatiza:

O esfrega aqui é esfregar o corpo. (Marina)

Concordo é tocar o corpo. (Thais)

É, a coreografia é bem explícita (fazendo gestos e rindo). O esfregar e tocar nas partes mais... (risos). (Débora)

Por seguinte, foi exibido outro vídeo que contava com a participação especial de Roseane Pinheiro em uma música cantada pela banda Mistureba e intitulada *Vai no Coqueirinho*:

Vai no coqueirinho, vai no coqueirinho, vai mãe.
Essa dança é gostosa, é boa de mais,
Você vai na frente, eu vou atrás.

Você desce negona, eu vou descendo também,
Você sobe negona, eu vou subindo também.
Você mexe, que mexe, que mexe,
Eu vou mexendo também
Com a mão na cabeça perdendo o juízo,

Vai no coqueirinho, vai no coqueirinho, vai no coqueirinho.
Eu subo e desço gostoso, mexe, mexe no coqueirinho.
(Banda Mistureba)

A cantora se apresenta com um vestido vermelho muito curto e ao dançar, fazendo os movimentos, as nádegas da dançarina ficam descobertas. A música tem uma forte conotação sexual, como o próprio título sugere. A dançarina rebola, sobe, desce, mexe e durante a apresentação, o vocalista da banda acompanha a coreografia e dança junto com ela. As jovens participantes da pesquisa assistem ao vídeo com bastante atenção.

Retornando ao momento do Grupo Focal, Marina sussurra sobre o vídeo em que Roseane aparece dançando a música mencionada: “Ela tá nua agora”:

Diferente do primeiro, eu pensei que ela iria cantar, mas só dançou e parecia que ia fazer sexo, a dança bem sensual. (Débora)

Mas a música já diz coqueirinho (risos). (Marina)

Durante o diálogo, foram lançadas indagações:

Entrevistador: - A que ideia remete a palavra “coqueirinho”.

Marina: - Marina: Ai, você não sabe o que é coqueirinho? (risos)

Kika: - É, a música se remete a sexo. (Kika)

Entrevistador: - Vocês dançariam?

Marina: - Rapaz, eu não. (risos) (Marina)

Kika: - Eu nem sei dançar. (Kika)

Thais: - Olha, eu dançaria (nesse momento tensão). Não vejo problema se ela for uma mulher empoderada, ciente de si e vai dançar assim. O problema é quando a pessoa não é empoderada.

Débora: - Mas ela tá como objeto sexual.

As entrevistadas divergem entre si sobre o que seria empoderamento. Algumas participantes do Grupo Focal dizem que a dançarina e cantora está sendo colocada como objeto sexual, portanto não estaria exercendo empoderamento:

O empoderamento de mulheres é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se para nós ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica para nós a liberdade das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latino-americanas em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, é desestabilizar e pôr fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. [...] Além de assumirmos o controle sobre “nossos corpos, nossas vidas”. (SARDENBERG, 2009, p. 02)

É importante salientar que empoderamento pode variar a depender do contexto social, variando de grupo para grupo, sendo representado de maneira diferenciada e sugere que, empoderar - se tem relação com determinados sistemas sociais e símbolos culturais, tem uma inter-relação com a capacidade de agência, na reconfiguração de determinado contexto em que os indivíduos buscam através da agência modificar dada realidade:

Olha é como disse, cabe a ela. Se ela tem consciência do que esta falando e do que tá fazendo, ela não está sendo objeto. O problema são as meninas pequenas que dançam sem saber ou as pessoas que dançam assim, sabe? É, eu mesma gosto de pagode, tenho alguns problemas. (Thais)

No vídeo, outro elemento a ser observado é a exposição do corpo da mulher negra. A dançarina com um vestido “curtinho”, com as pernas à mostra – qualquer movimento que fazia deixava suas nádegas expostas – e o vocalista cantando: “Vem negona, vem! Venha, Roseane, minha delícia! Você vai na frente, eu vou atrás...”. A dançarina sobe e desce, dança de costas para o público e o vocalista diz “Mexe e dança, minha querida”. A coreografia representa um ato sexual. O corpo negro é apresentando de maneira extremamente sexualizada, a letra da música se refere à cor preta da mulher, chamando-a de “negona” e configura-se o corpo da mulher negra como objeto sexual.

Podemos observar na fala das jovens, o protagonismo das mulheres e, especificamente, a forma como o corpo da mulher negra é apresentado:

Assim, pra mim, oprime quando a pessoa não tem conhecimento ou não tá empoderada. O problema não está na dança ou no homem cantando, está em você ter consciência. (Thais)

É, mas assim, ela baixando e suspendendo aquela bunda... (risos) (Kika)

As jovens divergiam quanto ao sentido de empoderamento. Para algumas, Roseane apresenta o corpo da mulher negra sexualizado na coreografia e coaduna com o estereotipo da “mulher negra gostosa, boa de cama” enquanto outras ressaltavam a importância de que ela tenha conhecimento do que está fazendo. Podemos sublinhar com cada entrevistada tem uma percepção de corpo e de empoderamento diferenciada, e conseqüentemente, de agenciamento, de transformação da realidade. Insistimos na questão sobre o protagonismo das mulheres:

É difícil falar, tem gente que gosta, é bem difícil. (Marina)

Rapaz, é por conta do imaginário social. (Débora)

Desde Gilberto Freyre essa ideia, a negra é para trabalhar, morena para f... , e...! (risos). É, na sala a professora estava falando ai que Freyre colocava isto ai, e uma colega perguntou o que é “f...” todo mundo deu risada na aula (risos). (Kika)

É, desde a escravidão tem essa relação. (Thais)

Segundo Gonzalez (1983):

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno racismo e sexismo. Para nós o racismo se constitui em um sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira (Gonzalez, 1983)

O sexismo ao se engendrar com o racismo intensifica ainda mais as desigualdades fazendo com que as mulheres negras sintam uma opressão que vai agir cotidianamente em todos os âmbitos sociais, a sociedade brasileira age com fetichismo sobre o corpo e a sexualidade negra em especial feminina, transformado como supracitado como “as mais gostosas, quentes, boas de cama”.

As entrevistadas mencionam a representação do corpo negro como objeto sexual, sempre visto como violável, como propenso ao sexo e esta perspectiva se reflete em uma condição desigual para as mulheres: há uma distinção entre as mulheres pretas e as pardas, uma relação desigual de gênero e de raça perante a mulheres brancas, que têm *status* diferenciado, preservado: “É... ver o corpo negro propenso ao sexo, principalmente, a mulher negra é vista como boa de cama.” (Marina). Nesse depoimento, aponta-se o desejo pelo corpo negro que é sempre visto como um objeto a ser conquistado, o corpo que trará prazer, gozo instantâneo. Questionadas sobre as pardas, se viam diferença entre pretas e pardas:

Kika: - Sim, é tratada de forma diferente. (Kika)

Marina: - É até mesmo nas músicas, a “negona” é sempre a de pele mais escura, quando eles se referem à mais clara é “neguinha”. (Marina)

Débora: - É assim, a negona sempre tem pernã, bunda grande. A morena é traços finos nariz afilado, peito pequeno. (Débora)

As respostas acima, pode nos conduzir à reflexão de Nogueira (1998):

No conjunto da sociedade, como os pretos, os pardos e os demais elementos brancos, competem eles antes indivíduos ou famílias do que como grupo sociais distintos, dotados de laços próprios de solidariedade e culturalmente diferenciados uns dos outros; e cada qual compete por um status mas desejável na estrutura social da sociedade entre elementos da mesma origem (NOGUEIRA, 1998, p.175).

Considerando que mulheres pretas, pardas e brancas estão postas de forma diferenciada na sociedade e laços de solidariedade são forjados de modos distintos,

assim, suas representações na música também são variadas e reproduzem aspectos da desigualdade social baseados no status da cor.

A gradação da pele mais clara para as mulheres pardas traz proximidade com o fenótipo branco, é o cabelo que é considerado “melhor”, é a pele mais clara que garante uma diferenciação perante a mulheres pretas. As pardas criam laços que vão colocá-las em um patamar diferenciado dentro da estrutura social. No sentido que a aparência é demarcador na sociedade brasileira, como aponta Oracy Nogueira (1974), se classificar com pardo(a) pode trazer uma melhor colocação em relação ao (à) negro(a), por exemplo, no mercado de trabalho: a cor mais clara pode garantir uma vaga em determinada empresa. Recuperando o modo como a sociedade brasileira aprende sobre sexualidade e vivencia a mesma – com o ideário da miscigenação, da democracia racial –, entende-se que a sexualidade das mulheres negras foi construída a partir da miscigenação, em que a mulata aparece como símbolo sexual, como o corpo a ser desejado, e, por sua vez, a morenidade ganha força a partir das relações inter-raciais. As mulheres pretas e pardas passam a ser vistas como as mais “quentes”, consideradas “boas de cama”.

Continuando sobre o debate do *status* da cor e sua relação com a sexualidade e o corpo: Podemos citar Farias (2002) que, em seu artigo intitulado *Corpo, classificação de cor numa praia carioca* discute que o corpo “moreno” e o “bronzado” gozam de privilégios diante da cor preta, são lidos como sinal de brasilidade. Para a autora, a categoria “morena” é favorita de inclusão na totalidade dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Ela sublinha como o gerenciamento da gradação da cor como “morena”, “cor de jambo”, “morena cabo-verde”, “moreninha” acarreta num *status* diferenciado em relação às mulheres de cor preta, chamadas de “negona” – o que se remete a traços grossos, ao corpo cheio. Dá-se então a diferenciação entre ser preta e parda. A cor do corpo é marca de distinção entre as mulheres. E as letras do Pagode Baiano representam o corpo da mulher preta como o corpo sexualizado, um corpo para o consumo. O corpo da mulher preta é colocado no lugar da subjugação.

Nascimento (2009), em sua dissertação intitulada **Pagodes Baianos: Entrelaçando Sons, Corpos e Letras**, através da perspectiva feminista busca problematizar as representações das mulheres no pagode. Ela reflete sobre as mulheres que gostam e frequentam lugares onde o pagode é tocado e busca entender as interpretações sobre esse estilo musical. Nascimento intenciona compreender como o ritmo e a performance estão em consonância com as letras de músicas, investigando o

contexto lítero-musical do ponto de vista das práticas sociais (entendendo coreografias e propostas cínicas evocadas do campo simbólico), encenadas pelos diversos grupos. Pensa a linguagem verbal cantada, dialogando com o ritmo que representa a realidade como interpretação corporal completa. Não existe música de pagode sem letra e assim, não existe pagode sem dança, sem corpo que se movimenta ao sabor de um ritmo que envolve e que desperta desejo. Almeida (2004) aponta para a construção do corpo da mulher negra, em especial, do corpo mestiço, com ênfase na personagem literária “Gabriela”, de Jorge Amado:

Ela é inocentemente sensual ela é um objeto de atração por ser a encarnação da mistura específica do Brasil: A adoração do povo é encarnada numa figura feminina desejável. O segredo dessa atração é o contributo de uma corporalidade inocentes infantis africanas em selvageria e a marginalidade da negritude. Isso permitiu criar uma sociabilidade nova na Europa transplantada para o novo mundo. [...]. É não heroína que tempera a civilização, no maior desconhecimento de sua tripla condição subalterna. (ALMEIDA, 2004, p.135)

Se constituindo em uma representação de nação sem conflitos raciais, em que a condição da mestiçagem aparece como um sinal positivo para o país, escondendo as condições desiguais. Porém, a morenidade é construída como um sinal de *status*, trazendo em si a marca da cor desejada. Farias (2002) apresenta o mesmo tema que Nogueira (1985) analisa o modo da estruturação da cor no Brasil, sob pano de fundo dos estudos raciais, na medida que a cor ganha contornos muito específicos. Farias (2002) aponta:

Sua conclusão é de que a classificação da cor de uma pessoa, no caso brasileiro é encarada como ato que envolve o exercício de uma serie de subclassificações para se constituir enquanto tal. “Assim, no Brasil a cor é algo que se define a partir da avaliação de fatores corporais – cabelo, nariz, boca, e também a partir do contexto de elementos não raciais: maneira, educação sistemática, formação profissional, estilo e padrão de vida”. (NOGUEIRA *apud* FARIAS, 2002, p. 295)

Por tanto, “o mestiço” constitui um meio termo, como aponta Farias (2002), o “moreno” seria essa expressão. Voltemos a Gabriela, que é símbolo de morenidade e, mais que isso, de sexualidade da mulher brasileira, mas, agora, atentando para as palavras de Almeida (2004):

No centro dessa representação da alteridade / alter-ego encontra-se a figura da mulata. Triplamente subalterna, triplamente desejável para o olhar hegemônico. Porque é mulher, porque não é branca, porque é das classes populares. Ela é também o precipitado de um percurso de hibridização cujas linhas de poder são elididas a favor de uma retórica e de uma narrativa. [...] Sensual, sensorial, exótica a mulata brasileira apresenta-se como construção

estética que mascara o processo político da sua construção (ALMEIDA, 2004, p.110).

Mariza Corrêa aponta para:

A criação da mulata, sujeito enquanto objeto de discurso, médico, literário e carnavalesco. Isto é de pensar como a invenção desta categoria para além de sua existência empírica pode contribuir para questionarmos nossa forma habitual de tratar seja das relações de raça, seja das relações de gênero. (CORRÊA, 1996, p. 38)

A invenção da mulata naturaliza ainda mais a sexualização do corpo negro. As mulheres sofrem uma opressão ampliada : de gênero e de raça. Mireya Suárez (1991), sinaliza para a questão:

As desigualdades de gênero e raça são apenas expressões do mesmo princípio que instaura toda desigualdade produtiva, os limites da agregação militante deveriam se alongar consideravelmente de modo a criar uma resposta comum ao princípio da hierarquia. (SUÁREZ, 1991, p.24).

O que torna a questão da construção da linguagem sexual e da construção do prazer um assunto de complexidade ímpar. Cujo condição da mulher negra é posta de maneira hierarquizada pela sociedade.

.Considerações Finais:

Podemos então concluir que o corpo feminino é construído a partir do discurso que implica uma relação direta entre linguagem ,corpo e sujeito, neste sentido a música em especial o pagode baiano é um dos vetores que contribuem na construção da sexualidade feminina negra, bem como sobre sua representação: “A relação de construção do corpo ou melhor sobre o corpo do homem e diferenciada do corpo feminino, a percepção de prazer, de desejo entre homens e mulheres é diferenciado. A objetificação do corpo feminino negro estaria nas letras das músicas cujo a mesma representaria como objeto sexual, um corpo propenso ao sexo.

As entrevistadas mencionam a representação do corpo negro como objeto sexual, sempre visto como violável, como propenso ao sexo e esta perspectiva se reflete em uma condição desigual para as mulheres: há uma distinção entre as mulheres pretas

e as pardas, uma relação desigual de gênero e de raça perante a mulheres brancas o que se constitui em uma condição de *status* da cor. Os depoimento das entrevistadas apontam também para uma condição de desigualdades e hierarquia de gênero.

Referência:

ALMEDA, Miguel Vale. **Outros Destinos: Ensaio de Antropologia** – Editores S.A – 2004, Porto.

BAIROS, Luiza, **Nossos Feminismos Revisitados**, Revistas Estudos Feministas, 1995.

CORREIA, Mariza. Sobre a Invenção da Multa; cadernos Pagu (6 – 7) PP.35 -50.
BERGER, L. Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção da Realidade: Tratando de sociologia do Conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1985.

FARIAS Patrícia. **Corpo e classificação de cor numa praia carioca: Nu e Vestido**. Organização Goldenberg Mirian; Ed – Record S.A Rio de Janeiro 2002.

FIGUEIREDO, ANGELA, **Dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil**, Osmundo Pinho, Livio Sansone (organizadores)- salvador. EDUFBA, 2008

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GONZALES Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 29 à 31 de Outubro 1983

HEILBORN, Maria sexualidade: **O olhar das ciências sociais** – Rio de Janeiro; Jorje Zahar Ed,1999.

_____, **Entre as tramas da Sexualidade Brasileira**: Revistas Estudos Feministas, Janeiro – Abril/vol. 14 número 001- ano 2006.

JODELET, Denise, **Representações Sociais, tradutora**, Lilian Ulup, Ed, UERJ, Rio de Janeiro, 2001.

LAQUER, Thomas, Inventando o Sexo: **Corpo e gênero dos gregos a Freud, capítulo V A descoberta dos sexos**, tradução Vera Whately – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NASCIMENTO, Clebemilton, **Entrelaçando Corpos e Letras: Representações de Letras no Pagode Baiano, (Dissertação)**. Programa de Pós-Graduação de Estudos Inter Disciplinares sobre Mulheres. UFBA, 2009.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga – SP**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SARDENBERG Cecília M.B **Conceituando “Empoderamento” na perspectiva feminina**. O presente texto é um transcrição revisada da comunicação oral apresentada no I seminário: Internacional trilhas do empoderamento de mulheres – Projeto tempo promovido pelo NEIM/UFBA Salvador – Ba , 5 de junho de 2006.

SUÁREZ, Mireya; **As categorias “Mulher” e “Negro” no pensamento Brasileiro**; Grupo de Trabalho da População Negra XV Encontro Anual da ANPOCS: 15 á 18 de Outubro de 1991 Caxambus, Minas Gerais